SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

14/05/2015 - Instituto Telecom

Berzoini insiste na Telebras como parceira do setor privado

Talvez por aproveitar a presença dos ex-presidentes da reestruturada Telebras, o ministro das Comunicações, Ricardo Berzoini, acabou por fazer uma súmula do perfil de atuação da estatal desde 2010, quando a renascida empresa foi alçada a liderar o Plano Nacional de Banda Larga, então a ideia de que o Estado deveria incentivar a massificação do acesso à Internet no país.

Em seu discurso, o ministro começou lembrando que a estratégia daquele plano "passa por termos uma infraestrutura pública capaz de combater desigualdades de mercado". Afinal, a razão de ser do próprio PNBL foi o diagnóstico de que as concessionárias de telecomunicações privadas, detentoras das principais redes do país, atuavam de forma a complicar o aparecimento de competidores.

Mas assim como o engenheiro Rogério Santanna foi demitido (por uma nota de jornal) um ano depois de assumir o posto, o próprio viés da atuação da empresa mudou quando assumiu em seu lugar o então diretor comercial Caio Bonilha. Já no primeiro governo Dilma Rousseff e, em tempos de Paulo Bernardo no Minicom, o mote passou a ser a tal "parceria com o setor privado".

Ainda é cedo para saber se o caminho continuará a ser esse – não modificado pelo interino Francisco Ziober, que hoje se despediu da estatal. Mas deve ser visto que Berzoini assumiu o lugar de Bernardo, mas manteve o tom de "parceria" com as empresas de telecomunicações para que possa exercer seu papel de mercado e participar do "esforço nacional de redução da desigualdade", afirmou.

Berzoini voltaria ao ponto pelo menos outras duas vezes no breve discurso desta quinta-feira. "A Telebras, junto com setor privado, tem obrigação e meta de prover infraestrutura para o desenvolvimento econômico brasileiro", disse o ministro. Logo em seguida, mencionou que "a Telebras é uma grande empresa, ainda que pequena em porte hoje, e tem obrigação para prover, junto com o setor privado, um insumo tão importante quanto a Petrobras para o setor energético".

O próprio Bittar repetiu o mantra, ainda que lembrando as origens do PNBL. "A Telebras surgiu em 2010 para cumprir objetivos estratégicos de governo, não para substituir o papel das operadoras privadas, mas para contribuir para corrigir falhas naturais de mercado, contribuir para a busca da universalização da banda larga, contribuir como vetor para incorporação da tecnologia nacional nos nossos equipamentos e fortalecer uma indústria brasileira."

Parte dessa missão depende da equipe econômica em ano de ajuste fiscal "significativo" – predicado usado pela presidenta Dilma Rousseff. Berzoini admite negociações com os colegas que comandam o Tesouro, mas promete que os projetos, tanto do satélite geoestacionário como do cabo submarino "não terão atrasos".

De sua parte, Bittar negociou cerca de R$ 600 milhões para o satélite em reunião que já teve com a chave do cofre, mas até aqui, embora já tenha recebido o 'parceiro privado' espanhol da Isla Link no cabo, menciona que nesse caso os recursos em 2015 serão da ordem de R$ 10 milhões – bem abaixo dos estimados R$ 500 milhões da Lei Orçamentária.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

14/05/2015 - Telesíntese

Com base maior de clientes móveis, Algar Telecom multiplica lucro

Segmento de telefonia móvel sofreu perda de receita em dados, SVA e interconexão.

A operadora Algar Telecom divulgou nesta quinta-feira (14) o balanço financeiro para o primeiro trimestre do ano. A companhia mineira apresentou lucro líquido consolidado, no período, de R$ 29 milhões – 238% maior que o ganhos obtidos um ano antes. A Margem EBITDA atingiu 33%, 8 p.p. maior que nos mesmos meses de 2014. A receita líquida teve expansão de 14,7%, alcançando R$ 575 milhões.

Os números positivos são resultado do incremento em vendas de soluções integradas de TIC e BPO (alta de 32%), do consumo de voz móvel (+33%) e das soluções de telecom para clientes corporativos (+16%). Além disse, a base de clientes móveis cresceu 23%, ficando em 1,2 milhão de clientes. Somando telefonia móvel e fixa, a operado tem 3,2 milhões de unidades geradoras de receita, crescimento de 11,6% sobre março de 2014. Por segmentação, 38% dos clientes estão na telefonia móvel, 42% na fixa, 16% em banda larga, e 4% em TV paga.

O negócio de telefonia móvel faturou R$ 104,5 milhões, 20,9% mais que no mesmo trimestre de 2014. O destaque foi o avanço da voz, serviço móvel com alta de 33% sobre o ano anterior. Os clientes usarem menos 3G, porém. O serviço faturou 18,1% menos em relação ao primeiro trimestre de 2014. Também houve queda da receita com interconexão, de 9,1%, totalizando R$ 5,5 milhões, e de serviços de valor agregado (SVA), que faturou R$ 1,1 milhão ante R$ 1,7 milhão um ano antes.

A telefonia fixa faturou R$ 423,4 milhões, crescimento de 7,5%. Houve queda, porém, na receita com voz fixa, da ordem de 7,4%, para R$ 94,8 milhões. Essa diminuição foi compensada pelo incremento de 14,8% em uso de rede e de 13,5% de dados. A receita com TV por assinatura também caiu, 1,8%, para R$ 33,7 milhões.

O capex registrado nos três meses ficou em R$ 85 milhões, 73% disso investido em expansão de redes. O endividamento líquido ficou praticamente estável (-0,4), em R$ 1 bilhão.

13/05/2015 - Telesíntese

Cisco registra aumento de receita e lucro

Companhia divulgou balanço para os meses de fevereiro a abril, no qual aponta procura mais baixa das operadoras, especialmente por soluções para entrega de vídeo.

A Cisco, fabricante de equipamentos de telecomunicações, divulgou hoje o balanço financeiro de seu terceiro trimestre do ano fiscal de 2015, referente aos meses de fevereiro a abril. A companhia norte-americana registrou receita de US$ 12,1 bilhões, 5,1% maior que um ano antes. O lucro foi de R$ 2,4 bilhões, 11,7% maior.

A empresa apresentou aumento nas vendas em todas as regiões em que atua – foram 2% nas Américas e no conjunto de Europa, Oriente Médio e Ásia (EMEA). Na Ásia-Pacífico, Japão e China (APJC), o crescimento foi de 1%. Os segmentos com maior crescimento foram de Enterprise, de produtos e serviços para ambientes corporativos; e Setor Público, ambos com alta de 7%. A companhia apresentou, porém, retração de 7% nas vedas para operadoras.

No continente americano, o faturamento foi de US$ 7,25 bilhões. Na região EMEA, as vendas somaram US$ 3,12 bilhões, enquanto que na APJC foram de US$ 1,76 bilhão. A margem foi de 62,9%, 62,5% e 61,2%, respectivamente.

Puxaram a alta da receita as vendas para data center, que cresceram 21% no trimestre, de segurança (14%), e de equipamentos para redes sem fio ou móveis (9%). A receita com soluções de vídeo para operadoras caiu 5% no período.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

13/05/2015 - Carta Maior

A pobreza sai às ruas nos EUA mais que no Brasil

Na meca do capitalismo, 45 milhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza. Mas parece que os arautos do american way of life não querem ver.

Os críticos do país não usam óculos, resistem ou não querem ver direito, embora haja casos que merecem internação definitiva para recuperação ocular e mesmo cegueira. Não só da oposição política propriamente dita mas da midiática também. Enxergam qual país? Qual deles é o que vale?

Falar mal do país virou tônica diária dos oposicionistas. Como prato principal e sobremesa. Nem os cafezinhos nos intervalos do trabalho escapam. O país para eles afunda em corrupção e economia fraca, decadente.

Bom, mas disso tudo já sabíamos, infelizmente, desde o final do primeiro governo de Dilma. O pior é que não se cansaram, nem se cansam, querem ou ganhar no tapetão ou criar dificuldades diárias, permanentes, até secar as expectativas de aposta política e recuperação econômica.

Tentaram bandeiras, faixas, panelas, reportagens falsas, notícias mentirosas, denúncias sem provas, samba do crioulo doido como diria Stanislaw Ponte Preta nos idos dos anos 60. A baderna política na busca de perdurar imagens caricatas do governo eleito democraticamente.

O pior é que não só deturpam a realidade. Não enxergam como convém com nenhum dos olhos o que ocorre no país tampouco no vizinho que tanto adoram, onde mora o Tio Sam. Diria minha avó, para que enxergar direito se eles querem mesmo é ver errado?

Pois bem, enquanto já caem de pau sobre a performance do PIB brasileiro no 1o trimestre desse ano, com queda prevista de 0,5% em relação à leve alta de 0,1% no 3o trimestre de 2014, os EUA registraram queda de 0,2% diante de alta de 2,2% nos mesmos períodos (fonte: Federal Reserve, o banco central norte-americano).

Desaceleram ambas as economias, tendo sido o tombo mais acentuado nos EUA. O Brasil está pelo menos de farol baixo desde a 2a metade do ano passado por várias razões, inclusive pela pressão política dos empresários nacionais sobre a política econômica como tentativa de reversão do quadro sucessório. A mesma fonte norte-americana de informação indica que ocorre naquele país um período de estagnação econômica após o curto surto de recuperação, ao qual se apegaram muitos países em dificuldades e que agora não sabem bem para onde caminhar.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

As exportações recuaram nos EUA, o que mostra a menor procura do setor externo: China em ritmo menor de crescimento, a Zona do Euro pior, às voltas com a austeridade, e os emergentes boiando meio que na expectativa. Já o consumo interno igualmente volta atrás, o que revela a atenuação dos ganhos de renda da população americana.

Guardadas as devidas e honrosas proporções, fenômeno semelhante ocorre no Brasil, apimentado ademais pela quadra difícil dos embates jurídicos com relação aos desvios na Petrobras, o resultado do pleito presidencial ainda atravessado na garganta da oposição e o ataque feroz e diário da mídia desde o ano passado. Qualquer economia sofreria o mesmo tranco.

O Bureau do Censo estadunidense informa que a população que vive abaixo do nível de pobreza de lá está em torno de 14,5% ou 45 milhões de pessoas. Como se pode imaginar que a meca do capitalismo moderno apresenta quadro tão alarmante de pobreza? Pois é o que ocorre, o que os arautos do american way of life não querem ver, se emudecem ou olham de revés.

No Brasil**, em fins de 2013, a população em estado de pobreza era de 8,8% e em estado de extrema pobreza 4%, ou 12,8% na soma, cerca de 26 milhões de pessoas. A comparação é imperfeita porque a renda limite de lá é bem superior, mas o que vale são as condições vigentes em cada país, quanto ao custo de vida, as necessidades básicas e as oportunidades de ascensão social.

Daí o tamanho da pobreza aqui ser pouco mais da metade dos EUA. Não adianta o contra-argumento de que no limite de lá caberiam muito mais brasileiros porque os ricos daqui igualmente não chegariam aos pés dos de lá. Tudo relativo.

A grande diferença, contudo, está no fato de que nos EUA o contingente pobre aumentou, enquanto aqui no país ele declina. De 2006 a 2014 nos EUA o nível de pobreza veio de 12,3% a 14,5%, sem falar no contingente de sem teto que aumenta cada vez mais nas ruas das metrópoles. Enquanto no Brasil vem de 22,6% a 12,8% no mesmo período. Isso mostra que a política econômica brasileira privilegiou a população mais necessitada, enquanto nos EUA o benefício ficou para os abastados.

Os bons reflexos da economia chegaram ao custo da cesta básica no país ajudando a recuperação da renda real dos pobres. A relação custo da cesta básica/valor do salário mínimo evoluiu de forma descendente desde dezembro de 1995 até dezembro 2014. De 91,5% a 44,9% em São Paulo e de 72,7% a 35,6% em Fortaleza.

A grande dificuldade de recuperação estadunidense em relação ao Brasil, no que se refere ao mercado interno, sem depender da evolução das transações com o exterior, é o fato de que a população trabalhadora de lá tem um peso mais acentuado para as condições do país.

Em tempos recentes a criação de empregos americanos tem sido nos setores urbanos de comércio e serviços, onde os salários são menores. Daí para que a economia se expanda há que se criar mais e novos empregos com salários maiores, o que vai exigir projetos de médio e longo prazos nos setores industriais e de alta tecnologia. Vai demandar tempo.

Aqui no Brasil nem tanto. Um reforço ao mercado interno vai consolidar o que já existe, especialmente em relação aos trabalhadores com menores salários. Com a expansão de projetos de infraestrutura o impulso fica por conta dos setores de bens de capital e intermediários, que geram valor e reproduzem mais oportunidades de negócios, renda e emprego através do chamado efeito multiplicador dos investimentos.

De onde virá o impulso gerador? O primeiro ministro chinês anunciou esta semana a intenção da China investir US$ 53 bilhões no país em infraestrutura, exatamente a área que o governo federal anunciou como prioritária para expansão de projetos.

Além do banco dos BRICS com recursos para a mesma área e correlatas, que deve finalmente ser operacionalizado mês que vem em reunião na Rússia. Outros bilhões virão do Pré-Sal apesar da pressão de opositores que querem abrir o setor para a combalida economia americana.

Mas isso só será bem sucedido e em pouco tempo caso o ministro da Fazenda não segure mais e indevidamente as rédeas da economia brasileira. Outro da turma dos que precisam enxergar melhor o que se passa aqui e lá fora.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

14/05/2015 - Carta Maior

FHC fala mal do Brasil nos EUA

Os cínicos ataques ao Brasil e a postura servil diante do império - típica dos que sofrem do complexo de vira-latas - confirmam a triste trajetória de FHC.

Durante o seu triste reinado, FHC sempre foi um capacho dos Estados Unidos. Adotou a política do "alinhamento automático" ao império, quase entregou a base militar de Alcântara (MA) aos militares ianques e defendeu o tratado neocolonial da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Agora, como ex-presidente rejeitado e detestado pelos brasileiros, ele segue servil aos interesses dos EUA. Nesta semana, FHC foi a "estrela" de midiáticos eventos em Nova York. Na terça-feira (12), ele recebeu o prêmio "Pessoa do Ano", concedido pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos. Na sequência, participou de um convescote promovido pelo grupo Lide, do empresário-trambiqueiro João Doria Jr.

Em suas "palestras" e entrevistas, FHC fez questão de criticar a atual situação econômica do Brasil – logo ele que deixou o país de joelhos diante do Fundo Monetário Internacional (FMI) e que quase levou a nação à falência. Para ele, o Brasil está "paulatinamente voltando à expansão sem freios do setor estatal, ao descaso com as contas públicas, aos projetos megalômanos que já haviam inviabilizado o êxito de alguns governos do passado". Segundo relato do jornal Estadão, que adora bajular o "príncipe da Sorbonne", o ex-presidente agradou os ricaços presentes ao jantar oferecido no hotel Waldorf-Astoria, em Nova York, pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos:

"O discurso caiu bem em uma plateia de tucanos, como os senadores Aécio Neves (MG) e José Serra (SP) e o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, além de simpatizantes do partido. O único político presente de fora do PSDB era o ex-senador José Sarney (PMDB). Do setor financeiro, estavam os presidentes do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco; do Itaú, Roberto Setúbal; e do BTG Pactual, André Esteves, além de José Olympio, do Credit Suisse... Os empresários Rubens Ometto e José Luís Cutrale também foram convidados para o jantar, que teve wrap de salmão defumado e cherne com camarões e aspargos e ingressos a partir de US$ 1 mil. Quando o homenageado subiu ao palco, ouviu-se um grito: "Volta presidente". O publicitário Nizan Guanaes foi na mesma linha em seu discurso. 'Temos saudades de você, presidente', disse, sob aplausos". Os cínicos ataques ao Brasil e a postura servil diante do império - típica dos que sofrem do complexo de vira-latas - confirmam a triste trajetória de FHC.

Durante o seu triste reinado, FHC sempre foi um capacho dos Estados Unidos. Adotou a política do "alinhamento automático" ao império, quase entregou a base militar de Alcântara (MA) aos militares ianques e defendeu o tratado neocolonial da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Agora, como ex-presidente rejeitado e detestado pelos brasileiros, ele segue servil aos interesses dos EUA. Nesta semana, FHC foi a "estrela" de midiáticos eventos em Nova York. Na terça-feira (12), ele recebeu o prêmio "Pessoa do Ano", concedido pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos. Na sequência, participou de um convescote promovido pelo grupo Lide, do empresário-trambiqueiro João Doria Jr.

Em suas "palestras" e entrevistas, FHC fez questão de criticar a atual situação econômica do Brasil – logo ele que deixou o país de joelhos diante do Fundo Monetário Internacional (FMI) e que quase levou a nação à falência. Para ele, o Brasil está "paulatinamente voltando à expansão sem freios do setor estatal, ao descaso com as contas públicas, aos projetos megalômanos que já haviam inviabilizado o êxito de alguns governos do passado". Segundo relato do jornal Estadão, que adora bajular o "príncipe da Sorbonne", o ex-presidente agradou os ricaços presentes ao jantar oferecido no hotel Waldorf-Astoria, em Nova York, pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos:

Leia mais em:
http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/FHC-fala-mal-do-Brasil-nos-EUA/4/33494

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

14/05/2015 - Portal Vermelho

Banco do Brasil tem lucro de R$ 5,8 bilhões no primeiro trimestre

O Banco do Brasil (BB) informou nesta quinta-feira (14) que registrou lucro líquido de R$ 5,818 bilhões no primeiro trimestre de 2015. O montante cresceu 93,3% em relação aos R$ 3 bilhões registrados no quarto trimestre de 2014 e 115,4% na comparação com os R$ 2,7 bilhões do primeiro trimestre do ano passado.

A instituição alcançou ainda um valor de R$ 1,524 trilhão em ativos em março de 2015, com crescimento de 11,2% em 12 meses, e de 6% na comparação com o trimestre anterior.

O BB é a maior instituição em ativos entre as empresas do setor financeiro da América Latina. De acordo com nota do banco, o desempenho no primeiro trimestre foi favorecido principalmente pela expansão da carteira de crédito, que ampliada atingiu R$ 776,9 bilhões em março último, com crescimento de 11,1% em 12 meses e 2,1% em relação ao trimestre anterior.

O crédito imobiliário atingiu saldo de R$ 41 bilhões, crescendo 49% em relação ao primeiro trimestre de 2014. O financiamento imobiliário às pessoas físicas cresceu 45,5% em 12 meses, alcançando saldo de R$ 30,4 bilhões. Já o financiamento ao agronegócio encerrou o primeiro trimestre deste ano em R$ 163,4 bilhões, 9% a mais do que no primeiro trimestre de 2014.

O saldo do crédito concedido às empresas chegou a R$ 359 bilhões em março de 2015, crescimento de 11% em 12 meses e 1,4% em relação ao trimestre anterior. As operações de capital de giro e investimento representaram 71,2% do total. De acordo com o BB, o banco manteve a liderança em crédito no Sistema Financeiro Nacional (SFN), com 20,8% de participação no mercado.

De acordo com a nota do BB, os índices de inadimplência no banco "se mantiveram em patamares menores do que os observados no SFN". Ao fim de março de 2015, o índice de operações com atraso de mais de 90 dias no pagamento representou 2,05% da carteira de crédito. A instituição financeira destacou que, no mesmo período, o SFN registrou índice de inadimplência de 2,8%.

14/05/2015 - Portal Vermelho

Fernando Brito: A Petrobras é mais forte que os ratos e urubus

A produção de petróleo nos campos operados pela Petrobras atingiu, no dia 11 de abril, a marca de 800 mil barris de petróleo por dia (bpd), atingindo novo recorde de produção diária. Desse volume, cerca de 74% (590 mil bpd) correspondem à parcela da companhia e o restante à das empresas parceiras nas diversas áreas de produção da camada pré-sal.

Faz pouco mais de sete anos que o pré-sal foi descoberta e este volume, em tão pouco tempo, é várias vezes maior do que aqueles que, em outras áreas marítimas, já se atingiu em tão pouco tempo, numa atividade complexa e demorada.

Segundo a empresa para que se alcançasse, no Brasil, a produção de petróleo de 800 mil barris por dia" foram necessários 40 anos, com a contribuição de 6.374 poços. Na Bacia de Campos, esse mesmo volume de produção foi alcançado em 24 anos, com 423 poços.

No pré-sal, são ainda apenas 39 poços produtores: 20 estão na Bacia de Santos, que responde por 64% da produção (511 mil barris por dia) e 19 poços estão localizados na Bacia de Campos e respondem por 36% da produção (291 mil barris por dia).

É deste "peso" imenso que os "muy amigos" da Petrobras querem "livrar" a empresa, pela carga de investimento necessária para explorá-lo e, de quebra, "aliviar" o Brasil do "sacrifício " de ser um grande no petróleo.

Que canalhas!

14/05/2015 - Portal Vermelho

Novo recorde: Produção no pré-sal ultrapassa 800 mil barris por dia

A produção de petróleo nos campos operados pela Petrobras nas áreas do pré-sal nas bacias de Santos e Campos atingiu, em 11 de abril, 800 mil barris de petróleo equivalente (petróleo e gás natural) por dia, recorde de extração na região. Desse volume, cerca de 74% (590 mil barris por dia) correspondem à parcela da companhia e o restante à das empresas parceiras nas diversas áreas de produção da camada pré-sal.

Em nota divulgada nesta quarta-feira (13) a Petrobras lembra que a produção de 800 mil barris por dia foi alcançada apenas oito anos após a primeira descoberta de petróleo na camada pré-sal, ocorrida em 2006, tempo inferior ao que foi necessário para se chegar ao mesmo patamar em outras áreas de produção marítima.

"Para que a Petrobras alcançasse, no Brasil, a produção de petróleo de 800 mil barris por dia foram necessários 40 anos, com a contribuição de 6.374 poços. Na Bacia de Campos, esse mesmo volume de produção foi alcançado em 24 anos, com 423 poços", informa a nota.

A marca de 800 mil barris de petróleo por dia foi obtida através de 39 poços produtores, dos quais 20 estão localizados na Bacia de Santos, que responde por 64% da produção (511 mil barris por dia). Outros 19 poços estão localizados na Bacia de Campos e se referem a 36% da produção (291 mil barris por dia).

A Petrobras informou que o início da operação do sistema de produção antecipada instalado no campo de Búzios, em março deste ano, por meio do navio-plataforma Dynamic Producer, foi decisivo para a obtenção do recorde.

A extração no campo de Búzios é a primeira produção de petróleo e gás de longa duração promovida pela Petrobras na área da chamada cessão onerosa. "Além desse sistema, contribuiu, também, para esse resultado o início da produção da plataforma P-20, na camada pré-sal, no campo de Marlim na Bacia de Campos, que será importante para futuros incrementos da produção na área", informou nota da empresa.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

13/05/2015 - Carta Maior

'Crise da economia brasileira tem mais de 30 anos'

Para Wilson Cano, docente da Unicamp, a indústria brasileira perdeu competitividade com a adoção da política neoliberal a partir dos anos 1990.

O Brasil cresce mal desde meados dos anos 1980, a avaliação é do professor do Instituto de Economia da Unicamp, Wilson Cano. Para o docente, a indústria de transformação perdeu peso na composição da riqueza do país nos últimos 30 anos em decorrência da crise anos 1980 e da adoção de políticas neoliberais que diminuíram a autonomia do Estado brasileiro no manejo da política econômica.

"A crise dos anos 1980 pegou pesado o Brasil porque perdemos o rumo da história e deixamos de pensar no longo prazo. A crise fiscal e financeira do Estado foi de tal profundidade que nos desestruturou fiscal e financeiramente. Nossa crise tem mais de 30 anos, não é uma crise que começou há 2 ou 3 trimestres. É uma crise estrutural que nos fez chegar no ponto em que estamos", afirmou o professor durante debate organizado pelo Centro Acadêmico Visconde de Cairu na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP (FEA).

Durante a década de 1980, os Estados Unidos elevaram a taxa de juros dos seus títulos de dívida pública. A maior taxa de retorno garantida pelo governo americano atraiu a atenção de diversos investidores no mundo que deixaram de alocar seus recursos em outros países.

Como efeito, a taxa de câmbio brasileira se apreciou, o que diminuiu a capacidade de competição das exportações da indústria. Paralelamente a esse processo, o neoliberalismo se tornou uma política hegemônica no mundo com a desregulamentação do mercado financeiro, a abertura comercial das economias nacionais e as privatizações de empresas públicas.

"Nos anos 1990 nós tivemos a introdução do regime de política econômica neoliberal no Brasil que teve um resultado desastroso. Queimamos entre 1995 e 2001, a bagatela de US$ 200 bilhões nas nossas contas externas o que mais que dobrou a nossa dívida externa. Crescemos um pouco mais do que nos anos 1980, contudo, os nossos indicadores macroeconômicos atingiram níveis cruéis principalmente porque afetaram uma coisa absolutamente fundamental na economia, em especial no capitalismo, que é a taxa de investimento e nós de lá para cá não recuperamos os nossos níveis de investimento médio", afirmou Cano.

Como parte da política neoliberal, o Brasil assinou uma série de compromissos internacionais que para o Cano tiraram a autonomia do país em manejar sua taxa de juros e de câmbio, fatores essenciais para garantir a competitividade e o desenvolvimento da indústria nacional.

"O Brasil pode crescer mais? Eu diria que não se nos mantivermos atados a essa circunstância estrutural da ordem neoliberal. Simplesmente porque o país não tem como manejar a política de comércio exterior porque assinou acordos e termos com a Organização Mundial do Comércio (OMC), com Basileia, e prometeu manter a taxa de juros dita necessária", afirmou.

"Diante desses compromissos é impossível a qualquer dirigente nacional formular um plano nacional de desenvolvimento econômico. Eles serão um grande embusteio se disserem que mantidas essas condições externas e internas vão poder manipular a taxa de investimento e fazer com que a economia volte a crescer a taxas elevadas porque não pode. Não pode porque o Estado não controla nem a taxa de juros, nem o câmbio", completou o docente da Unicamp.

Para o professor, os governos petistas adotaram políticas importantes e "corajosas" de combate à desigualdade tais como o bolsa família e a politica de valorização do salário mínimo. Apesar disso, a economia continuou a ser regida pelos cânones do neoliberalismo.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

"Tivemos uma série de outras atitudes de ampliação de direitos sociais, tivemos mais fiscalização do Ministério do Trabalho que é responsável por um pedaço do aumento da formalização do emprego. Mas nos mantivemos dentro dos cânones centrais da ordem neoliberal: abertura comercial e a desregulamentação financeira. Essas são as duas questões chaves da política macroeconômica neoliberal", concluiu Cano.

Indústria

A indústria brasileira foi a que mais sentiu os impactos das políticas neoliberais adotadas nos últimos 30 anos isso porque um dos principais efeitos dessa política foi a apreciação da moeda brasileira ante o dólar norte-americano.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que a participação da indústria de transformação no PIB cresceu vertiginosamente entre 1947 e 1985 saltando de 11,8% para 27,2%.

Nos últimos 30 anos, entretanto, a indústria de transformação perdeu significativamente sua importância para a economia brasileira voltando quase ao patamar de 1947. Atualmente o setor responde por apenas 13% da riqueza gerada no país.

Para o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), José Luis Oreiro, a apreciação cambial é o principal fator que explica a queda da importância da indústria para a economia brasileira. Isso porque uma moeda local forte torna as exportações menos competitivas e permite a entrada de importados a um preço mais barato.

Ele chama atenção para o fato do crescimento da demanda por produtos nos últimos anos ter sido atendida em grande medida por indústrias de outros países em um processo que ele chama de "substituição de importação às avessas".

"De 2006 a 2013, o coeficiente de penetração das importações passa de cerca de 13% para quase 22% no último trimestre de 2013. Isso nos mostra que ocorreu no Brasil uma espécie de substituição de importações às avessas, ou seja, estamos substituindo produção doméstica por importações", afirmou.

Para o professor Wilson Cano, a perda de importância da indústria no PIB nacional é preocupante porque o segmento é um importante dinamizador de outros setores porque gera um progresso técnico que pode ser apropriado por outros segmentos da sociedade.

"Na história do mundo só se desenvolveram países que tiveram dois propósitos fundamentais. Primeiro fazer uma profunda transformação do Estado nacional e através dessa transformação conduzir a política econômica no rumo do desenvolvimento. A segunda questão é que esse desenvolvimento quase que se pode traduzir em industrialização porque o progresso técnico está na indústria e não em serviços ou em agricultura", afirmou.

Para ele, o desenvolvimento da indústria tem impactos diretos sobre os outros setores porque a tecnologia desenvolvida pela e para a indústria acaba sendo utilizado por outros setores como serviços e agricultura.

"A introjeção de progresso técnico na indústria não tem como beneficiário único e exclusivo a indústria, pelo contrário. Foi pela industrialização que a Inglaterra no século XIX pode modernizar toda a sua agricultura mecanizando o campo graça aos avanços que houve no processo de industrialização", analisou Cano.

Estado desestruturado

Para o professor de economia da FEA-USP, Roberto Vermulm, a recuperação da indústria passa pela adoção de uma série de medidas macroeconômicas, mas também de políticas micro voltadas para atender segmentos específicos da indústria priorizando o desenvolvimento de setores com mais tecnologia.

"Toda política industrial é por definição setorial porque os padrões de concorrência, de desenvolvimento tecnológico são diferenciados. A política industrial não pode ser a mesma para todos os setores e mais do que isso ela também tem hierarquia. Existem setores mais importantes que outros. Não vou dizer que uma indústria eletrônica tenha a mesma importância numa política de desenvolvimento do que uma que é receptora de progresso técnico como a têxtil", afirmou.

O docente acredita que o Estado tem um papel crucial para fazer a indústria recuperar sua força. Ele, entretanto, não está otimista porque acredita que o desmonte do Estado promovido ao longo dos últimos 30 anos tirou parte da capacidade de atuação.

"A minha visão é pessimista porque existem desasjustes de natureza macro, que é condição necessária, mas não suficiente para retomada do desenvolvimento industrial. Nesse momento o estado seria fundamental, mas ele não está preparado, o Estado está desestruturado. Repensar o futuro implica em um reposicionamento político e institucional", afirmou.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

12/05/2015 - CUT

Para colocar o Brasil nos trilhos

Está em curso em vários países do mundo um processo de destruição das forças de esquerda. No Brasil, o PT é alvo dessa investida das forças conservadoras

Está em curso em vários países do mundo um processo de destruição das forças de esquerda. No Brasil, o PT é alvo dessa investida das forças conservadoras. O panelaço ocorrido durante o último programa eleitoral do partido, assim como as manifestações ocorridas este ano são resultado da investida organizada pela direita, pela mídia e pelo Poder Judiciário.

Juntos, eles montaram mais um processo judicial seletivo, que visa colocar na ilegalidade e destruir o PT que, com erros e acertos, foi o partido que promoveu a maior mudança social já ocorrida no país, com a inclusão de 40 milhões de brasileiros/as na classe média e o acesso de negros, pobres e indígenas às universidades. Foi o partido que promoveu o maior programa de habitação popular da história, além de ter tirado o Brasil do mapa da fome da ONU - mais de 35 milhões de pessoas saíram da linha da miséria.

Enquanto o mundo aplaude e quer conhecer a experiência brasileira, revistas semanais, que fazem parte do complexo midiático controlado por meia dúzia de famílias, atacam sistematicamente o ex-presidente Lula, o cérebro por trás dessas transformações. Tentam a todo custo destruir a imagem do presidente mais bem avaliado da história do Brasil e maior liderança do PT e assim, destruir esse legado.

A primeira vítima desses ataques é o PT. As demais forças de esquerda, os movimentos sociais e sindicais, serão as próximas vítimas em potencial da judicialização da política que está em curso com a investida – nunca antes vista – da mídia, que coloca em prática o conceito de Goebels, ministro da propaganda de Hitler, de que uma mentira repetida centenas de vezes torna-se verdade. O PT tem sido atacado diariamente desde 2005.

O golpe em curso em nosso país, já aplicado em Honduras e no Paraguai, está em curso na Argentina, Venezuela, Bolívia, Equador, Nicarágua e outros países em que os governos fizeram opção pelos mais pobres e que colocaram o Estado como indutor da economia, priorizando os mais desfavorecidos.

No Brasil, depois de um processo eleitoral duro, talvez o mais virulento desde a redemocratização do Brasil, mesmo tendo perdido as eleições, a direita está implementando a pauta conservadora, de retirada de direitos, de perseguição aos movimentos progressistas, de esquerda e tentativa de derrubar um governo legitimamente eleito por mais de 54 milhões de brasileiros/as.

Unidos, políticos conservadores, juízes e promotores, com a ajuda dos meios de comunicação, construíram um falso cenário de caos político e econômico que está abrindo caminho para que a direita coloque em prática a pauta derrotada nas eleições.

Mais do que o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, eles querem cassar o registro do PT, um dos principais instrumentos de luta da classe trabalhadora. E isso pode ocorrer se a esquerda não se unir para disputar a agenda nacional nesta que é a mais feroz luta de classes que já vivemos no Brasil.

E o governo não tem ajudado. As mudanças nos rumos da política econômica do governo federal não foram discutidas com os movimentos sindical e social nem com a sociedade civil organizada. O pacote do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, anunciado no dia 29 de dezembro do ano passado, é altamente lesivo para os/as trabalhadores/as, mas não tocam em um centavo do dinheiro dos mais ricos.

As Medidas Provisórias 664 e 665 são um equívoco. O governo não dialogou com sua base de apoio, editou medidas que distancia a base do governo e, para piorar, não vai atingir seu objetivo que era angariar apoio dos conservadores para conseguir investimentos. É, como venho dizendo, um ledo engano.

Essa política econômica leva o Brasil à recessão. Se tem juros altos, se o crédito não é facilitado, se não tem manutenção do poder de compra dos salários, se tem desemprego, se tem retirada de direitos, não se cria um ambiente interno positivo para o desenvolvimento econômico e social.

Precisamos ajudar a corrigir rumos e, não, ir para o enfrentamento. Isso a direita já faz. Isso é apostar no caos. E o caos não interessa a classe trabalhadora. Não ganhamos nada com o caos. Só os especuladores ganham.

Se não conseguirmos corrigir a rota, entraremos em um cenário de retrocesso. Não há alternativa política ao projeto democrático e popular que a presidenta Dilma representa e que ajudamos a eleger. Sem ela, a porta estará aberta para a direita e sua pauta de ataques aos direitos da classe trabalhadora e aos interesses dos/as brasileiros/as que dependem das políticas públicas que ajudamos a construir e colocar em prática, como as políticas de valorização do salário mínimo e de transferência de renda, entre tantas outras.

A presidenta acertou quando instalou o Fórum Nacional da Previdência Social e deu um prazo de seis meses para conclusão dos trabalhos e apresentação de uma proposta concreta para extinguirmos de vez o fator previdenciário, ter uma política de redução da jornada de trabalho para 40 horas e também medidas de combate à absurda rotatividade de mão de obra. Também precisamos aprovar a regulamentação da Convenção 151 da OIT que normatiza as negociações para os servidores públicos.

Era o momento adequado para o governo retirar as MPs, que dificultam e restringem o acesso a benefícios e discuti-las no âmbito desse Fórum e não votá-las como parte das medidas de ajuste fiscal. Por que não combatem com mais rigor a sonegação? Por que não taxam as grandes fortunas, à especulação financeira, os lucros e dividendos, heranças e doações? Se precisa conter gastos e aumentar a receita, que tirem dos mais de ricos e não da classe trabalhadora.

O caminho que queremos construir é o do desenvolvimento econômico sustentável com distribuição de renda, uma Nação com mais justiça e inclusão social e política. Esse é o caminho que vamos defender. Para isso, é preciso disputar a formulação das políticas dentro do governo, ocupar as ruas e pressionar o Congresso Nacional. Isso só será possível, com uma ampla unidade da esquerda e dos movimentos social e sindical. É preciso colocar o Brasil nos trilhos novamente.